

Comunidades têm organização

É quase uma vila. Por isso, quem passa sobre a ponte do Ribeirão Bananal, na Estrada Parque Indústria e Abastecimento (EPIA), e vê roupas limpas estendidas no varal, cachorros e gatos brincando des preocupadamente no “quintal”, ou mulheres que se ocupam com afazeres domésticos, como lavar louça, cuidar dos filhos e varrer a “casa”, não deve se espantar. É que ali, como na maioria das pontes do Distrito Federal — em especial da EPIA — residem diversas famílias, que tentam transformar o local em um verdadeiro lar.

Alheias a preocupações ou curiosidades de quem passa, as 12 famílias do Ribeirão Bananal vivem em comunidade. Tratam-se como vizinhos, visitam-se, mantêm (na medida do possível) os arredores limpos e organizados, e reúnem-se nos finais de tarde para um joguinho de baralho ou para o bate-papo informal, onde conversam sobre assuntos variados, na maioria das vezes relacionados às novidades do dia, ou a situações que envolvam o cotidiano profissional de seus habitantes.

Organização — A divisão social do trabalho é bem definida. Mulhe-

res dedicam-se à família e raramente trabalham fora. Quando o ganho do marido não atinge o mínimo necessário para a compra de alimentos, elas vão às ruas pedir esmola, levando consigo toda a sua prole. Os homens da “vila” têm todos a mesma ocupação: são lavadores de carro. Autônomos, eles se organizaram de forma a evitar atritos entre si. Cada um deles atua em uma quadra diferente da Asa Norte, possibilitando assim a criação de freguesia individual e permanente.

Existem pessoas que residem ali há mais de dois anos mas, mesmo assim, a vontade de encontrar novos rumos para suas vidas continua bem acesa. Não que eles encarem a forma de morar como problemática. “Pobre se acostuma com tudo quanto é ruim”, conforme se Maria José dos Santos, alagoana de 21 anos, casada com Carlinho Francisco de Brito, que há sete meses mora no Ribeirão Bananal. Segundo os moradores, o maior problema da “vila” é a falta de segurança. “Eu tenho medo pelos meus dois filhos. Já perdi muito gato e cachorro atropelado na avenida”, conta a pernambucana Maria Aparecida de Lara Barbosa, uma das mais antigas no local. (E.A.)